

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

Reitora
Vice-Reitor



Universidade de Brasília

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lidia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Sely Maria de Souza Costa
Verônica Moreira Amado

SABINE GOROVITZ E
ENRIQUE HUELVA UNTERNBÄUMEN (ORG.)

POLÍTICAS E TENDÊNCIAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

EDITORA



UnB

**Coordenadora de produção editorial
Preparação e revisão**

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Jeane Antonio Pedrozo

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte
desta publicação poderá ser armazenada
ou reproduzida por qualquer meio sem a
autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

P769 Políticas e tendências de internacionalização do ensino superior
no Brasil / Sabine Gorovitz e Enrique Huelva Unternbäumen
(org.). - Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2021.
284 p. ; 23 cm.

ISBN 978-65-5846-156-2

1. Ensino superior - Internacionalização - Brasil. 2. Educação -
Cooperação internacional. 3. Política linguística. 4. Redes de
cooperação acadêmicas. I. Gorovitz, Sabine (org.). II.
Unternbäumen, Enrique Huelva (org.).

CDU 378

Sumário

Apresentação	9
--------------------	---

PARTE 1

PROCESSOS, POLÍTICAS E PROGRAMAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO HOJE

Capítulo 1

A internalização das universidades brasileiras	15
--	----

Heitor Gurgulino de Souza

Universidade da ONU

Capítulo 2

Políticas de Integração e Cooperação Técnica de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior — perspectivas Unesco	31
---	----

Maria Rebeca Otero Gomes e Thais Guerra

Unesco

Capítulo 3

Expectativas para o crescimento do Programa MARCA MERCOSUL	45
--	----

Grasiele Reisdörfer

MEC – Programa Marca Mercosul

Capítulo 4

Educação superior brasileira: cenários e reais e possibilidades de cooperação Brasil/Goa/Índia	53
--	----

Marcos Formiga

UnB/Ceam – Núcleo do Futuro

PARTE 2

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EM PROL DA INTERNACIONALIZAÇÃO ACADÊMICA

Capítulo 5

Políticas del lenguaje en el campo de las ciencias y la educación superior en América Latina 73

Rainer Enrique Hamel

Universidad Autónoma Metropolitana – UAM

Capítulo 6

Plurilingüismo Académico: a intercompreensão como prática comunicativa em contexto universitário 101

Angela Erazo Muñoz

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Capítulo 7

A Língua Portuguesa em Goa / Índia: uma breve história e evolução mais recente 117

Aurobindo Xavier

Sociedade Lusófona de Goa – LSG

Capítulo 8

Missões e desafios da Agência Universitária da Francofonia (AUF) 127

Isabela de Cerqueira Silva Ospital

Agência Universitária da Francofonia – AUF

Capítulo 9

Pela diversidade linguística nas universidades: o monolinguismo do inglês em debate 135

Sabine Gorovitz

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 3

POLÍTICAS DE INTEGRAÇÃO, REDES E AGÊNCIAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL

Capítulo 10

Universidade de Brasília e a Aliança Universitária da Região do Ruhr:
atividades e desafios 147

Stephan Hollensteiner e Fernando Oliveira Paulino

Faculdade de Comunicação – FAC/UnB

Capítulo 11

A cooperação universitária com a Alemanha e o papel do Serviço
Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) 161

Martina Schulze

Deutscher Akademischer Austauschdienst – DAAD

Capítulo 12

Internacionalización en la Organización de los
estados Iberoamericanos 173

Paulo Speller

OEI

Capítulo 13

A Cooperação Acadêmica da União Europeia com o Brasil 183

Claudia Gintersdorfer

União Européia – UE

Capítulo 14

A contribuição dos estudos latino-americanos para a
internacionalização das universidades brasileiras e para a produção
de um conhecimento global 193

Rebecca Lemos Igreja e Simone Rodrigues Pinto

Universidade de Brasília – UnB

PARTE 4

BOAS PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

Capítulo 15

O processo de internacionalização acadêmica da Unicamp 213

Luís Augusto Barbosa Cortez

Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri)/Unicamp

Capítulo 16

Panorama da cooperação franco-brasileira em matéria de
pesquisa científica e ensino superior 235

Alain Bourdon

Embaixada da França no Brasil

Capítulo 17

Acordos internacionais entre a FAU/UnB e as
universidades estrangeiras 243

Cláudia Estrela Porto

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU/UnB

PARTE 4

BOAS-PRÁTICAS DE INTERNACIONALIZAÇÃO NO BRASIL

CAPÍTULO 16

Panorama da cooperação franco-brasileira em matéria de pesquisa científica e ensino superior

Alain Bourdon¹

Embaixada da França no Brasil

A UnB é uma universidade que está entre as melhores do país e desde sua criação, em 1962, tem com a França laços privilegiados. Na verdade, é impressionante o número de professores da UnB que fizeram uma parte de seus estudos na França, assim como o número (mais de quarenta) de convênios que a UnB possui com os mais conceituados estabelecimentos franceses em quase todas as áreas. Destaca-se, também, os dois acordos de duplo-diploma que existem com Paris-Sorbonne e a Escola Nacional Superior de Engenharia de Caen ou as quinze cotutelas de tese, que vinculam a UnB a universidades francesas.

O primeiro *Doutor Honoris Causa* da UnB, em 1964, foi ninguém mais ninguém menos que o General de Gaulle.

Tratar da cooperação franco-brasileira em matéria de pesquisa científica e ensino superior é um assunto muito vasto, e aqui apresenta-se um panorama geral com foco no que é essencial.

¹ Alain Bourdon é conselheiro de Cooperação e Ação Cultural Embaixada da França no Brasil. Ex-aluno da Escola Normal Superior de Paris e professor titular de Gramática, fez a maior parte de sua carreira na rede cultural Francesa no exterior como diretor dos Institutos Franceses de Edimburgo (1987-1993), de Casablanca (1993-1997) e do Chile (2004-2008), depois foi Conselheiro de Cooperação e Ação Cultural na Embaixada da França no México (2011-2015). Foi também responsável pelas atividades para o público no Museu do Louvre (1997-2000) e exerceu a função de diretor regional de Assuntos Culturais na Região da Haute-Normandie (2009-2011).

O primeiro ponto a enfatizar é que se trata de uma cooperação inscrita na história.

Sem retroceder muito no tempo, cita-se três datas-chave:

- 1816, que marca a chegada ao Rio da Missão Artística Francesa, composta por uma dezena de artistas e acadêmicos que iriam encaixar a criação da Academia Imperial de Belas Artes;
- 1875, ano em que desembarca no Brasil Henri Gorceix, jovem discípulo de Pasteur, para fundar a Escola de Minas de Ouro Preto, no modelo da Ecole Normale Supérieure de Paris;
- final da década de 1930, quando nosso Ministério das Relações Exteriores envia para São Paulo diversos professores universitários franceses que participaram ativamente da criação dos departamentos dos cursos nas áreas de ciências humanas e sociais da Universidade de São Paulo (USP): entre eles, o historiador Fernand Braudel, o antropólogo Claude Lévi-Strauss e o sociólogo Roger Bastide.

O diálogo franco-brasileiro está inserido, então, numa longa tradição. Ainda hoje, permanece duradouro e produtivo. A cooperação franco-brasileira atual é, antes de tudo, uma vasta rede de estabelecimentos espalhados por todo o país:

- um Serviço de Cooperação e Ação Cultural na Embaixada em Brasília, com quatro antenas no Rio, em São Paulo, Recife e Belo Horizonte;
- três colégios franco-brasileiros em Brasília, Rio e São Paulo;

- quarenta Alianças Francesas, instrumento único a serviço da difusão da língua e cultura francesas em todo o país;
- três representações de órgãos de pesquisa, implantadas no Brasil:
- o Centro Nacional da Pesquisa Científica (CNRS),
- o Instituto de Pesquisa para o Desenvolvimento (IRD),
- o Centro de Cooperação Internacional em Pesquisa Agronômica para o Desenvolvimento (Cirad).

Por fim, uma agência cujo papel é informar os estudantes brasileiros sobre estudos superiores na França, orientá-los e ajudá-los a preparar sua mobilidade. Trata-se da Agência Campus France, com sede em São Paulo. Há pouco tempo, decidiu-se abrir novos espaços em Recife e em Belo Horizonte, e a abertura de um novo espaço, aqui em Brasília, na Finatec.

Os principais elementos da cooperação científica apoiam-se essencialmente sobre duas grandes bases.

Em primeiro lugar, programas bilaterais de suporte à mobilidade de pesquisadores. O mais famoso deles é também o mais antigo (completará 40 anos em breve), é o programa Capes/Cofecub, que é um programa de pesquisa conjunta e de formação de doutorandos. Em 2017, ele deu suporte a 98 projetos (mais 16 do programa paralelo USP/Cofecub). Desde sua criação, formaram-se por volta de 3.000 doutores brasileiros pelo programa, bem como centenas de franceses.

Outros programas similares existem a nível regional, como o Guyamazon, que reúne pesquisadores dos estados da Amazônia, da Guiana Francesa e da França metropolitana.

Outro grande pilar de nossa cooperação científica é o que chamamos de dispositivos conjuntos de pesquisa, instituídos por nossos três órgãos de pesquisa, o CNRS, o IRD e o Cirad. Eles podem apresentar-se de

diversas formas, desde redes virtuais de pesquisadores até laboratórios comuns nos quais pesquisadores franceses e brasileiros trabalham juntos cotidianamente, como a Unidade Mista Internacional CNRS / Impa, criada em 2006 no Rio, que reúne 50 pesquisadores em vários campos de matemáticas. Hoje temos 24 dispositivos deste tipo, em vários campos de pesquisa: matemática, saúde, biologia, meio ambiente, ciências humanas e sociais.

Esse alicerce, construído, de um lado, pelos programas bilaterais e, do outro, por esses dispositivos conjuntos, faz da nossa cooperação científica uma cooperação ativa e de alto nível, como pode testemunhar o intenso intercâmbio de pesquisadores entre os dois países. Em 2016, quase 1.300 pesquisadores franceses vieram em missão ao Brasil e centenas de pesquisadores brasileiros foram para a França. Estes intercâmbios se traduzem também em participações em trabalhos de pesquisa e em numerosas publicações conjuntas. Em 2015, com mais de 1.800 publicações conjuntas, a França permaneceu como segundo parceiro mundial do Brasil, atrás somente dos Estados Unidos.

Para finalizar sobre a cooperação científica, destaca-se outro programa, prioritário: o das cátedras de excelência.

Atualmente, temos 31 cátedras deste tipo no Rio, em São Paulo e em Belo Horizonte. Os professores franceses vêm ao Brasil por um período de um a seis meses para ministrar cursos, realizar seminários, formar jovens doutorandos, lançar projetos de pesquisa conjunta. Na maioria dos casos, esses mesmos professores recebem em seguida, em suas universidades, na França, seu homólogo brasileiro.

Para desenvolver este tipo de programa aqui na UnB, já estamos conversando e teremos êxito em breve.

Ao tratar de forma resumida o tema da mobilidade estudantil, relembra-se que, a nível mundial, a França continua a ser um país extremamente atraente para os estudantes estrangeiros.

Em 2016, a França recebeu 310.000 estudantes vindos do mundo todo, o que nos coloca na quarta posição entre os países de destino.

Outro número bastante convincente: 40% dos doutorandos que trabalham em laboratórios franceses de pesquisa são estudantes estrangeiros.

Essa atração pela França deve-se não só à qualidade de sua oferta de cursos universitários, mas também à sua diversidade: o sistema universitário francês pode parecer complexo, mas isso se deve à sua variedade: ao lado das universidades propriamente ditas, existe um grande número de escolas de engenharia e o que nós chamamos de “grandes écoles”, que são centros de formação de excelência.

Tudo isso oferece um vasto leque em todas as áreas de conhecimento.

A respeito da diversidade, acrescenta-se que, se os cursos oferecidos na França são obviamente ministrados em francês, cada vez mais universidades oferecem cursos em inglês.

Também é importante lembrar que, fora as escolas particulares, o ensino superior na França é praticamente gratuito e que os estudantes estrangeiros têm direito aos mesmos benefícios sociais que os estudantes franceses, principalmente em termos de auxílio-moradia ou possibilidade de trabalho.

A qualidade de vida que a maior parte das grandes cidades universitárias francesas oferece aos estudantes comporta a oferta de cultura ou esportes, bem como a gastronomia.

Esta atração exercida pela França vale também para os estudantes brasileiros.

Com 3.200 vistos de estudante concedidos em 2016, a França é o terceiro país de destino de estudantes brasileiros, atrás dos Estados Unidos e de Portugal. Mais de 60% destes estudantes estão na França num contexto oficial de mobilidade, isto é, no âmbito de convenções interuniversitárias. Até o momento, estima-se em 730 o número de parcerias acadêmicas entre a França e o Brasil.

A existência de todos estes acordos explica porque a França envia ao Brasil o primeiro e maior contingente de estudantes europeus, com mais de mil estudantes por ano.

Entre os programas de mobilidade estudantil, destaca-se o programa Brasil France Ingénieurs Technologie (Brafitec). Criado em 2002, ele constitui, sem dúvida, um dos programas mais determinantes da cooperação universitária entre a França e o Brasil. Ele o é, primeiramente, pelo seu alcance; os dados atuais o mostram com clareza: essa rede franco-brasileira de formação de alunos engenheiros congrega 56 projetos conduzidos em parceria com mais 50 universidades brasileiras e grupos de escolas francesas que reúnem cerca de 120 instituições. Em 2016, aproximadamente 300 alunos engenheiros franceses e 850 alunos engenheiros brasileiros estavam em formação nas instituições parceiras no Brasil e na França. Esse programa já permitiu, desde a sua criação, a mobilidade de cerca de 6.500 estudantes brasileiros e mais de 2.200 estudantes franceses.

Ainda que esse balanço quantitativo seja impressionante, o que me parece o mais importante refere-se à filosofia e ao método que sustentam esse programa. A palavra-chave aqui é parceria.

Parceria entre as instituições francesas e brasileiras que elaboram um projeto em comum, com um forte engajamento dos professores pesquisadores responsáveis pela coordenação. Essa abordagem permite trabalhar

por etapas de forma compartilhada pelos diferentes parceiros e identificar as prioridades para as formações adaptadas às necessidades atuais e futuras de nossos países. Tanto quanto nos números mencionados há pouco, o sucesso desse programa pode ser medido pelo nível de reconhecimento de créditos de quase 100% e pelo número elevado e crescente dos duplos diplomas que foram criados nesse contexto.

Brafitec ocupa também um lugar privilegiado para favorecer a cooperação científica franco-brasileira, alguns estudantes desse programa continuando naturalmente um doutorado em cotutela no âmbito das parcerias já estabelecidas.

Há que acrescentar que existe um programa similar, Brafagri, na área da agronomia. Ainda que de menor porte (cento e trinta estudantes por ano), funciona do mesmo jeito que Brafitec: parceria institucional sobre um projeto de mobilidade elaborado em estreita colaboração e baseado na reciprocidade.

Existe também uma mobilidade individual de estudantes — cada vez maior — que escolhem a França por livre e espontânea vontade, fora de qualquer acordo universitário.

Um último ponto sobre a mobilidade estudantil: está claro que uma das chaves para uma mobilidade bem-sucedida está no domínio do idioma do país de destino e numa sensibilização à sua cultura. Por estas razões, a Embaixada da França desenvolveu, há dois anos, um programa de leitores franceses nas universidades federais brasileiras. Esses leitores vêm para uma estadia de nove meses para ministrar cursos de francês nos centros de língua e para organizar atividades culturais sobre a França e a francofonia. Eles serão interlocutores privilegiados para os estudantes que estiverem preparando uma mobilidade para a França.

Vinte universidades participam deste programa, entre elas a UnB.

Considera-se como absoluta necessidade, para os centros de pesquisa e estabelecimentos de ensino superior, abrirem-se ao internacional. Não se pode conceber, hoje em dia, que a pesquisa e o conhecimento sejam compartilhados num ambiente confinado, numa torre de marfim. Eles devem naturalmente, e o mais amplamente possível, voltar-se para fora.

Aliás, originalmente, essa era a vocação da universidade medieval *universitas*, que visava à universalização do conhecimento, a saber, “do conjunto dos saberes, vindo de todos os lugares”.

O que já era verdade na Idade Média, é ainda mais verdade hoje em dia.

Mas a internacionalização da pesquisa e do ensino superior é também, para países como a França ou o Brasil, uma questão maior ligada ao seu poder de alcance, um elemento capital de sua política de influência, de seu *soft power*.

Com consequências que vão bem além da área acadêmica.

Na realidade, considera-se que os estudantes formados no exterior serão, no futuro, uma riqueza para seu próprio país e embaixadores do país onde estudaram. Por meio de laços estabelecidos com o país de estadia, e devido ao seu nível de formação, quando forem chamados a integrar a elite de sua terra de origem, serão, durante toda sua vida, interlocutores privilegiados das universidades, empresas e centros de pesquisa do país onde estudaram. Além disso, no dia a dia, constituem uma riqueza para os estabelecimentos que os recebem, pela competência, pela diversidade, pela abertura que lhes proporcionam e pela forma como os enxergam.

Os responsáveis da UnB têm plena consciência sobre estas questões, e a organização do Primeiro Fórum de Internacionalização é a prova da vontade desta universidade de se abrir ainda mais ao internacional. Essa iniciativa é valiosa e garante-se que a cooperação francesa continuará apoiando a UnB nesta aspiração.

A internacionalização das universidades é inevitável, e as instituições começam a implementar suas políticas e estratégias, influenciadas pelas dinâmicas acadêmicas internacionais, pelas políticas governamentais nacionais, regionais e mundiais. O desafio é manter o foco nas questões e necessidades locais, beneficiando-se de competências internacionais. Deve ser definida de acordo com o perfil das instituições e das necessidades das suas comunidades, com potencial para melhorar o ensino e a pesquisa localmente produzida de modo a fomentar o crescimento sustentável da região, em diálogo constante com o contexto global e valores compartilhados em projetos acadêmicos de temáticas transversais, multidisciplinares e interinstitucionais, a fim de estruturar uma rede territorial de cooperação acadêmica. É mais um instrumento para fomentar o diálogo entre atores da internacionalização acadêmica. Esta obra apresenta reflexões sobre as políticas de internacionalização das instituições de ensino superior no Brasil; foca na questão do pertencimento e da atuação em redes internacionais de pesquisa e de diálogo acadêmico; as políticas linguísticas em prol da internacionalização também são objeto de ampla reflexão, aliando-se a sugestões de boas práticas como duplas titulações e eficientes modelos de mobilidade baseados em simetria e reciprocidade. Apresenta discussões voltadas aos programas de cooperação acadêmica e às parcerias consolidadas entre universidades e órgãos internacionais. Boa Leitura!